

Páginas da vida de
Edison Vaz Lopes
CIDADÃO IPAMERINO



25/10/1894 - 19/03/1967

Kanner

Elmo Junqueira Lopes

Estado mantida em 09/07/96
em 2 de Agosto - Lines Gerais

March

IPAMERI

“ A sala de visitas do Estado de Goiás”

Ipameri sempre foi a pioneira em tudo no Estado de Goiás. Isto porque seu povo sempre teve por sua cidade um carinho peculiar. Daí ser chamada de “Sala de Visitas do Estado de Goiás”, dado o alto grau de cultura, desenvolvimento intelectual, fineza de costumes, características em seus habitantes. O desenvolvimento do Município de Entre Rios (em Tupi-Guarani: Ypa-Mery) aconteceu de forma extraordinária nas décadas de 1920 a 1950, na área industrial e na educação\ cultura, alavancado pelo forte sistema de produção de energia elétrica instalada na Cidade e pela excepcional contribuição do Colégio das Irmãs e da rede pública de ensino.

Na parte de cultura esporte, de modo especial, é importante ressaltar:

- a) os eventos em que havia exibição de ballet de nossa ipamerina Lourdinha Frota, no Jôquei Clube de;*
- b) os fantásticos concertos de Ladário Teixeira, o maior saxofonista do Brasil;*
- c) os concertos da Orquestra American-Sul, no Jôquei Clube;*
- d) as companhias de teatro de São Paulo e Rio de Janeiro, apresentando-se no Jôquei Clube;*
- e) os “Cossacos”, companhia de danças da Rússia, exibindo sua dança no Jôquei Clube;*
- f) as saudosas retretas da orquestra do 6º BC, no coreto da praça;*
- g) os extraordinários bailes do Jôquei Clube, por ocasião da abertura (maio) e fechamento (setembro) das suas temporadas das corridas de cavalo;*
- h) a própria temporada de corrida de cavalo, com animais consagrados nas pista de São Paulo e Rio de Janeiro, correndo em Ipameri e merecendo destaque do Jôquei Clube Brasileiro, com duas Sweepstake nacionais anuais, correndo em Ipameri;*
- i) os campeonatos Goianos de basquete, aqui realizados, sendo Ipameri 13 vezes campeão;*

- j) jogos de basquete do Trêzê Esporte Clube e do Paulistano de São Paulo, penta-campeão paulista, ambos de São Paulo;
- l) nas décadas 1940-50, muitos eventos de artes aconteceram em Ipameri, especialmente espetáculos de teatro, ballet e danças folclóricas, preparados pelas artistas ipamerinas Lenita Lopes e Lourdinha Frota.
- m) na década de 1940, o Campeonato Brasileiro de Tiro, com Edison Vaz Lopes vencendo as modalidades de revólver.

Ipameri traz nas páginas de sua história a presença marcante de seu filho Edison Vaz Lopes. Sendo ele grande e incansável batalhador para o progresso de sua terra, levava suas idéias e seu ideais ao grau máximo de pioneirismo, qualidade herdada de seu pai o Major Aristides. Juntos, trouxeram para a "Sala de Visitas do Estado de Goiás", obras e eventos pioneiros no estado:

1913 - instalação de energia elétrica residencial, a partir do acoplamento de um gerador, em um locomóvel de uma máquina de beneficiar arroz;

1920 - fundação da Sociedade São Vicente de Paula;

1921 - construção da Usina Hidrelétrica de Içá;

1921 - instalação da primeira Central Telefônica;

1930 - a primeira bicicleta e o primeiro rádio.

Filho de Aristides Rodrigues Lopes e Amélia Vaz Lopes, nasceu em Ipameri - Goiás - em 25 de outubro de 1894, tendo vivido toda sua vida em Ipameri. Em 21 de abril de 1927 casou-se com Claudina (Filhinha) Junqueira Lopes, filha de José Junqueira e Maria Rufina Barcellos Junqueira, nascida em Uberaba - Minas Gerais. Tiveram três filhos: Elmo, Nildo e José Newton, engenheiros, hoje residentes em Belo Horizonte - Minas Gerais. Edison e Filhinha faleceram em 19 de março de 1967 e 29 de julho de 1957, respectivamente.

Edison Vaz Lopes desenvolveu enorme e inigualável trabalho, em sua terra, para o qual canalizou inatos esforços autodidatas, que lhe permitia superar facilmente sua restrita formação acadêmico-escolar de 4º ano primário, associando a tais dotes um talentoso ideal de dar continuidade e modernidade aos lances de pioneirismo de seu ilustre Pai. Com tais princípios e muita dedicação a sua querida Ipameri, conjugados a uma clara e natural vocação de liderança, à determinação e à criatividade a ele peculiares, nunca hesitou em assumir de forma ousada e corajosa tarefas de extremas dificuldades, que viessem traduzir-se em desenvolvimento e progresso para o município de Ipameri e Região.

1) Narração do sobrinho Domingos de Gusmão Gomes

Tio Edison e Tia Filhinha

1.1) Estamos em 1930.

Ipameri vive dias de grande tensão com boatos por causa da Revolução Getulista.

O Major Aristides meu Avô, com todo seu prestígio e entusiasmo havia ganhado as eleições com larga margem de votos, vencendo os Getulistas, que desfrutavam de pouquíssimo prestígio na cidade.

Corriam boatos de invasão da cidade por elementos de outros municípios para auxiliar os derrotados locais, com sérias ameaças contra Vovô Aristides e outros familiares. Diziam que todos que fossem parentes seus, seriam eliminados com requinte de crueldade. “Ipameri seria varrida dos Rodrigues Lopes”.

O clima era de ameaças violentas e terrorismo. De repente surge na antiga Rua Goiás, dois caminhões repletos de gente, armados até os dentes, com facões, punhais, espingardas e garruchas. Tio Edison, vislumbrando perigo para o vovô, corre e se intercala entre vovô e a “tropa”, na tentativa de defendê-lo. Em meio daquele nervosismo e tensão, vovô desfere violento tapa no rosto do Tio Edison, que com o imusitado gesto de seu pai, deixou-o perplexo, surpreso e imóvel. João Vaz, o chefe da “tropa” diz, então: “Major Aristides, se querem matar o Senhor terão que passar por cima de nossos cadáveres. O Senhor, que

muitas vezes enfrentou e arriscou sua própria vida para atender meus chamados a fim de tratar de parentes meus e até de empregados que se achavam doentes, será defendido por nós até o último homem. Diga-nos quem ousa ameaça-lo e lá iremos liquidá-lo a fim de afastar tal ameaça". Tio Edison ainda jovem acompanhou tudo nunca afastando-se de seu pai. Vovô com sua sabedoria e paciência acabou demovendo João Vaz e demais companheiros de qualquer violência. Mais calmo, Vovô em seguida abraçou seu filho Edison carinhosamente, chorou em seu ombro, e lhe disse: "Edison, você hoje provou o quanto me ama e me quer bem. Meu filho, me perdôa por aquele momento impensado, fruto destes tensos e terríveis momentos que estamos vivendo." Foi um momento de muita emoção, muitos familiares presentes também choraram. O ato de Tio Edison, naquele momento, representou toda afeição, obediência e admiração que nutria pelo seu pai.

1.2) Em setembro de 1940, passei minhas férias em Ipameri. Meus maiores companheiros foram Tio Edison e Benedito Vaz. Tio Edison me levou para conhecer a usina do Veríssimo, para qual ele dedicou toda sua capacidade para o êxito do empreendimento, demonstrando muito orgulho pela construção do mesmo. Após a visita fomos pescar. E lá pelas tantas, vejo Tio Edison empunhar a sua espingarda, sua inseparável companheira de beira de rio e de mato, e atirar por duas vezes, em direção da água. Não perdeu se quer um tiro, pois, logo em seguida duas belíssimas papaterras afloraram na água.

1.3) Muitas vezes vi o Tio Edison pelas ruas de Ipameri, desfazendo curtos-circuitos provocados por pássaros, outras vezes trocando lâmpadas queimadas, com uma vara que tinha em sua extremidade um dispositivo que abraçava a lâmpada, para ser torcida e trocada. Muitas vezes eu o vi se aprontando para enfrentar tempestades no mato, com chuvas torrenciais, para recompor linhas cortadas por arvores que caíam e rompiam os fios ou postes que eram derrubados por ventanias. Todo este esforço e sacrifício para que Ipameri não ficasse sem energia. Ipameri muito deve a ele, na utilização da luz elétrica pois todo serviço difícil e pesado era feito por ele.

1.4) Do Tio Edison tenho guardado as melhores recordações, bem como de sua grande companheira Tia Filhinha. Tia Filhinha se entregou inteiramente à família do esposo, pelo que mais parecia filha de 'Vovó Amélia - Mãe de Tio Edison e de minha mãe. Ao tempo que Tio Edison foi delegado em Ipameri eu muito moleque dirigia à Tia Filhinha um versinho cantado que dizia assim; "Valencia! A mulher do Delegado, mostra a perna pro Soldado." Tia Filhinha apenas perguntava a minha mãe: "Melica, onde você arranjou um filho tão impossível assim?". Na verdade todos entendiam que tudo não passava de uma brincadeira de criança, mas que eu muito os estimava e amava.

2) TIO EDISON E TIA FILHINHA

Narração da sobrinha Aparecida Marot Gualberto.

TIO EDISON E TIA FILHINHA tinham sempre um sentido apurado e coerente em suas ações. Ela muito perspicaz e calma em suas observações, muito carinhosa e amorosa em suas atitudes, fez do Tio Edison o esposo ideal e salutar para todas as vicissitudes da vida. Faziam da religião Católica Apostólica Romana a razão de suas vidas. De freqüência diária à missa e aos sacramentos, eram devotos fervorosos de Nossa Senhora da Abadia, desde Uberaba, onde freqüentavam a Basílica de Nossa Senhora da Abadia, cuja paróquia é hoje administrada por seu sobrinho, nosso querido irmão, Padre Rui Marot. Tio Edison e Tia Filhinha costumavam receber os parentes e especialmente os sobrinhos e sobrinhas, para dialogar sobre situações difíceis, pelas quais enveredavam. Casamenteira de primeira linha, Tia Filhinha sabia tecer, com habilidade e firmeza, tecidos amorosos, como ninguém: que o digam as primas Lourdes, Cecília e outras muitas. Ela adorava se rodear da mocidade de Ipameri e se transformava perante a juventude, vivendo a mocidade que não pôde desfrutar integralmente, pois teve sua mocidade de sobrevivência, com enormes dificuldades, dedicando-se às atividades de costureira e doceira, após ter ficado órfã aos 5 e 7 anos de pai e mãe, passando a viver sob a tutela de sua Tia Chiquinha. "Dava gosto ver a alegria da tia Filhinha no meio das moças": é o que mais se comenta, nas rodas saudosas de quem teve a felicidade de contemplar este quadro.

Além do mais, quantas vezes Tia Filhinha e Tio Edison, procurados por parentes e amigos em busca de uma palavra, opiniões ou conselhos, sempre os encontrava prontos a oferecer tudo que lhes pudessem auxiliar, buscando benefícios para aqueles que sempre lhes eram caros. Então para questões familiares suas ponderações pesavam sobremaneira, até mesmo por força de seus exemplos.

3) PAPAI

Narração do filho Elmo Junqueira Lopes.

3.1) NO ESPORTE

PAPAI era um grande incentivador das atividades esportivas, da Cidade, especialmente no futebol e no basquete, além de um exímio atirador. Participou das competições nacionais e regionais que o 6º Batalhão de Caçadores do Exército Nacional realizou na "Linha de tiro" de Ipameri, tendo ele se laureado em inúmeras vezes com os primeiros lugares. Ele conseguiu estabelecer grande destaque para Ipameri nas áreas esportivas regional e nacional. Seu grande relacionamento com os dirigentes o levou para participar, como convidado, em eventos realizados em São Paulo e Rio de Janeiro. É suficiente lembrar que um convite especial do presidente da CBD, em 1940, o colocou na Tribuna de Honra do Parque Antártica assistindo os jogos da Copa Rocca, disputados em São Paulo pela seleções Brasileira e Argentina de futebol.

3.2) NA ASSISTÊNCIA SOCIAL

PAPAI esteve sempre presente nas atividades de assistência social da Cidade, de modo especial através da Sociedade São Vicente de Paula, sendo um dos seus fundadores em 1920, instituição esta, em plena atividade até hoje. Participou da elaboração dos projetos da Creche e do Lar dos Idosos e de suas construções.

3.3) NA EDUCAÇÃO

PAPAI participou, sem qualquer ônus, da elaboração dos projetos e construção das instalações que permitiram a definitiva implantação do Colégio Nossa Senhora da Aparecida, recebendo por esta razão o título de "Benfeitor" desta instituição. "O Colégio da Irmãs" marcou definitivamente a Educação e o desenvolvimento Cultural de Ipameri e Região.

3.4) IMPLANTAÇÃO DE TELEFONES EM IPAMERI

PAPAI como parceiro de seu pai, o Major Aristides, na condução do progresso de Ipameri, em 1920 instalou o primeiro serviço de telefonia na cidade, pioneiro no Estado. A pequena Central Telefônica, por ele substituída na década de 1940 por outra maior, foi cedida ao município de Trindade.

3.5) AS CONSTRUÇÕES DAS HIDRELÉTRICAS DE IPAMERI

3.5.1) Hidrelétrica de IÇÁ (Usina do IÇÁ)

Sua construção, por si só já era um desafio em 1919/20. Iniciou, tal desafio, pelo transporte do maquinário em "lombo de burro", já que na época não existia estrada de ferro na Região. Papai, não se intimidou em construir, sob o comando de seu pai, Major Aristides, a Usina do IÇÁ além das redes de alta tensão em direção à cidade. Nunca é demais lembrar que apenas algumas cidades de São Paulo e outras poucas no sul de Minas, na época, dispunham de energia elétrica proveniente de hidrelétrica. Nem mesmo o Triângulo Mineiro dispunha deste recurso. Pode-se por isso avaliar as diversas dificuldades enfrentadas, inclusive a de obtenção de informações sobre o assunto.

Em 1921, entrou em funcionamento a primeira hidrelétrica do Estado de Goiás- a USINA DE IÇÁ.

3.5.2) Hidrelétrica de Veríssimo (Usina do Veríssimo)

PAPAI elaborou o projeto e administrou a implantação desta Usina. Para sua construção mudou-se, com a família, para o local do canteiro de obras, dirigindo pessoalmente todas as atividades de engenharia ali desenvolvidas, incluindo os projetos, a construção da barragem, da casa de máquinas, do canal, a montagem de máquinas, do sistema elétrico e das redes de transmissão de alta tensão em direção à cidade, e também todos os serviços de construção e montagens das subestações de rebaixamento de energia e das redes de distribuição domiciliar.

A construção era, como a da usina do IÇÁ, um desafio. A barragem do Rio Veríssimo foi feita com tabique de toras de madeira espiadas de jusante para montante e em seguida recoberta com aterro, como solução engendrada por Papai e que, ao que consta, lá está até hoje. Posteriormente, foi feito o plantio de bambus da região, cujas raízes, na teoria usual da época, davam mais segurança ao aterro. O canal com cerca de 500 metros de extensão, aberto em terreno firme, terminava no encontro com o castelo d'água, construído em concreto ciclópico. A casa das máquinas e as demais obras foram feitas à beira do rio Veríssimo.

O funcionamento da Hidrelétrica do Veríssimo, trouxe grande reforço de produção de energia para o sistema de Içá, que já abastecia Ipameri desde a década de 1920. A entrada de funcionamento do novo grupo gerador se constituiu numa das forças do grande progresso do município, registrado nas décadas de 1930/40.

Todavia, a dinâmica do forte desenvolvimento do Município, nesta década, foi surpreendente. De tal ordem que superou todas as expectativas de demanda de energia elétrica, obrigando papai a realizar estudos e projetos no Rio Braço, prevendo uma hidrelétrica de muito maior porte. Ai ele concentrou todas as suas experiências anteriores.

3.5.3) HIDRELÉTRICA "MAJOR ARISTIDES".

A Empresa de Luz e Força de Ipameri -ELFI, por intermédio de papai, ao apresentar o projeto da Hidrelétrica do Rio Braço, por volta de 1945, em São Paulo, durante as negociações de compra e importação da nova hidrelétrica, na Suécia, causou espanto aos engenheiros da multinacional, pelo nível de detalhes e pela visão do conjunto nela contida, além da precisa metodização dada às soluções construtivas, indispensáveis à viabilidade de sua execução por uma empresa tão pequena e com pouca disponibilidade de recursos financeiros. Há que se ressaltar que, para conseguir a elaboração de tão elogiado projeto, fez ele pessoalmente todo o reconhecimento e levantamento técnico da área, levantando dados precisos e completos relativos à vazão e às seções do rio e ao perfil da cachoeira e suas características, à topografia do talveg e das encostas da região, detalhes que asseguravam uma competente escolha de localização e posicionamento dos diversos componentes da nova hidrelétrica, de forma que sua implantação concorresse sistematicamente para uma solução de baixo custo no empreendimento, e visasse objetivamente a obtenção de rendimento máximo no conjunto. Guardo, com muito carinho, o único aparelho por ele utilizado, um Nível Ótico, adquirido por ele naquela época, para a execução destes serviços, e dos quais, nos meus quinze anos de idade, tive a felicidade de participar.

A implantação da hidrelétrica do Braço representou um aumento de quatro a cinco vezes da capacidade já instalada de energia elétrica, nas usinas do Veríssimo e Içá e que abasteciam Ipameri.

E à parte, o represamento do Rio Braço proporcionou um local de grande lazer e esporte, pelo grande e bellissimo lago que se formou e que, na ocasião, era muito freqüentado pela população.

PAPAI dirigiu todas as obras e serviços da construção da hidrelétrica do "Braço".

Na parte da construção civil, a obra foi constituída de uma barragem de 120 metros de comprimento, por 15 metros de altura média (executada em grandes blocos de pedra, assentados em berços sucessivos de concreto simples), de um canal medindo cerca de 200 metros de comprimento, 5 metros de largura e 4 metros de altura em concreto ciclópico, de um castelo d'água em concreto armado com comportas de acesso à tubulação de aço, com 1,5 metros de diâmetro, da casa de máquinas e de obras complementares

Toda a pedra e a areia necessárias foram obtidas e preparadas nas margens e leito do rio e o seu transporte era feito através das rampas de madeira e por meio de equipamentos elementares (carrinhos de madeira construídos no local, alavancas etc) por ele projetados, pois que não existiam na região equipamentos mais sofisticados (guindastes, guinchos, etc.) e nem era viável financeiramente adotá-los para tais tarefas. O cimento proveniente de Perus, São Paulo, chegava à Ipameri pela Estrada de Ferro Goiás e de caminhão até o canteiro das obras, muitas vezes dirigido por ele, no início através de estrada aberta pelos próprios pneus do caminhão e atravessando leitos de córregos. Gradativamente, esta estrada foi sendo melhorada em função da necessidade de melhor fluxo nos transportes, tendo sido por ele projetada e construída, sobre o próprio Rio Braço, uma ponte de madeira, cujo vão central média mais de 20 metros e sobre a qual passaram toneladas de cimento e, sobretudo, as pesadas máquinas das usinas geradoras. Era uma grande obra de engenharia para a época.

A administração dos recursos humanos era de característica fortemente humana, porém na linha de muita disciplina, marca da sua atuação. Os "baianos", que trabalhavam no canteiro de obras em números próximo a uma centena, recebiam cuidadosa alimentação, zelo espontâneo do papai, já que naquela época inexistia leis neste sentido. O relacionamento que mantinha com os empregados era normalmente amigável, embora mantivesse clara a linha hierárquica de energia e disciplina quando comandava obras.

3.6) PRIMEIRA HIDRELÉTRICA DE PARACATU

Além destas três, papai também administrou a construção em 1930 da primeira usina hidrelétrica de Paracatu, cidade mineira vizinha de população amiga de Ipameri, onde seu pai, "Major Aristides", tinha grande relacionamenro e para onde também levou suas idéias pioneiras, perpetuando assim seu grande interesse e carinho por aquela Cidade. Coube-lhe por esses feitos o "Título de Cidadão Honorário de Paracatu", além da nomeação de logradouro público que leva o seu nome.

3.7) A IMPLANTAÇÃO DO SERVIÇO DE ÁGUA POTÁVEL EM IPAMERI.

Apesar do destaque progressista que ostentava, Ipameri chegou à década de 1950 sem os mínimos serviços de saneamento básico, motivo de sérias preocupações para a população e autoridades locais. Era necessário e indispensável que, neste assunto de fundamental importância para saúde pública, fossem desencadeadas iniciativas visando sanar falhas desta magnitude. Mais uma vez, papai, apoiado pelo Prefeito, seu dileto amigo José Machado, enfrentou este novo desafio e se propôs o implantar o serviço público municipal de distribuição de água potável para a Cidade.

Totalmente por ele projetado e idealizado, a construção foi iniciada no ano de 1950. A captação das águas foi feita no alto da Boa Vista, junto a mananciais naturais ali existentes, por meio de poços de filtragem construídos no subsolo e conduzidas para os reservatórios de recalque. Redes adutoras e de distribuição domiciliar foram construídas, envolvendo grande parte dos domicílios existentes. Este serviço modelar e inédito na época, por sua concepção técnica, também foi um dos pioneiros no Estado destacando-se por sua qualidade.

Preocupado com a qualidade das águas que iriam servir à população ipamerina, buscou em Belo Horizonte um dos expoentes máximos em saneamento básico, na época, Catedrático de Engenharia Sanitária da Escola de Engenharia da Universidade Federal de Minas Gerais, o engenheiro José Marcelino, que atestou, oficialmente em nome da Escola de Engenharia, após rigorosos exames laboratoriais, a excelência da água captada, bem como dos serviços de captação e de segurança do sistema construído.

Todos os dados e narrativas aqui expostos foram colhidos de terceiros e de sua própria memória, com narração de Elmo Junqueira Lopes Filho de Edison Vaz Lopes.